

ENUNCIÇÃO AFORIZANTE NOS RACIONAIS MCs

Ana Raquel MOTTA¹

RESUMO: Dominique Maingueneau (2006; 2007) trata de enunciados destacados de seu co-texto e contexto original através da abordagem discursiva do que ele chama de enunciação aforizante. O presente trabalho analisa o funcionamento da enunciação aforizante no discurso do grupo de rap Racionais MCs. A análise é intersemiótica, uma vez que inclui as imagens, o texto escrito e o material sonoro. Tal estudo tem por objetivo avançar na compreensão da enunciação aforizante e do fenômeno mais amplo da destacabilidade, através de seu estudo como marca importante para um funcionamento discursivo específico no campo do rap nacional.

Palavras-chave: Práticas discursivas intersemióticas; Enunciação aforizante; Racionais MCs (rap).

RESUMÉ: Dominique Maingueneau (2006; 2007) aborde les énoncés détachables de son co-texte et d'un contexte originel en considérant, par le biais d'une démarche discursive, ce qu'il nome énonciation aphorissante. On présente ici une analyse du fonctionnement de l'énonciation aphorissante dans le discours du groupe de rap Racionais MCs. Il s'agit d'une analyse intersémiotique, lorsqu'elle inclut des images, des textes écrits et du matériel sonore, dans le but de faire avancer la compréhension de l'énonciation aphorissante et, plus largement, du phénomène de la détachabilité, dont l'étude peut être poursuivie comme un examen d'un fonctionnement particulier du discours du rap brésilien.

Mots-clés: Pratiques discursives intersémiotiques; Enonciation aphorissante; Racionais MCs (rap).

1. Sobre a enunciação aforizante

Em dois textos recentes, Dominique Maingueneau trata de enunciados destacados de seu co(n)texto original. O primeiro é o artigo “Citação e destacabilidade”, publicado em *Cenas da Enunciação* (2006). O segundo é a conferência que o autor apresentou no V Congresso Internacional da Abralín (2007), nomeada “L'enonciation Aphorissante”, e que foi publicada em seus Anais.

“Citação e destacabilidade” analisa os enunciados curtos que circulam na sociedade com significante e significado fixados. Maingueneau afirma que não é suficiente verificar como os enunciados destacados funcionam em outros textos, que não os seus de origem. Mais que isso, é possível selecionar, em textos variados, enunciados que se apresentam como *destacáveis*, nas palavras do autor, “fadad[o]s ao destaque”(2006, p.73).

Dentre as características típicas desses enunciados, ser genérico, metafórico, com estrutura pregnante são elementos que indicam que “a esse respeito, a prosa romanesca está em desvantagem em relação à poesia regular, que mantém naturalmente uma relação

¹ Doutoranda em Linguística pelo IEL – Unicamp. Bolsista da FAPESP.

privilegiada com a destacabilidade” (2006, p.73). Maingueneau relaciona a genericidade à capacidade do enunciado de ser “reutilizável”. Para tanto, é preciso também que ele seja facilmente memorizável, para estar disponível em outras situações enunciativas. No entanto, como o foco do autor nesse texto é o momento da destacabilidade, não analisará os provérbios, as frases que são atribuídas a um Sujeito Universal.

Sua exposição se inicia pelas máximas heróicas, que se apresentam como inéditas, mas que, de algum modo, são percebidas como memoráveis – na formulação de Maingueneau, “um enunciado digno de ser consagrado, antigo de direito e novo de fato” (2006, p.74). Essas frases combinam duas propriedades aparentemente paradoxais:

- ”1. Elas devem ser percebidas como inéditas;
2. Elas devem ser percebidas como imemoriais” (2006, p.74).

Desse modo, “esse tipo de fórmula (...) ultrapassa a si mesma no exato momento em que se enuncia: primeira enunciação, ela retém, de alguma forma em si mesma sua repetição ulterior, ela se comemora ao se inaugurar” (2006: 75). O autor associa essas máximas à figura do herói. Elas comporiam, através do ethos adequado, juntamente com essa figura o estatuto de exemplar.

Há algumas maneiras de um texto indicar as passagens destacáveis: fazendo delas um título; dando-lhes uma posição de destaque (por exemplo, início ou fim do texto); compondo-a com estrutura genérica; dotando-a de elementos pregnantes (memorizáveis); através do metadiscorso (por exemplo: “essa verdade essencial...”).

Ao tratar das máximas filosóficas, Maingueneau considera que elas atuam em dois planos diferentes: por um lado são relativamente autônomas em relação a seu co-texto, facilmente destacáveis. Por outro, são parte de um texto maior, que provavelmente condensam e para o qual constituem uma porta de entrada. Além de ser uma citação que visa a repetição, como a sentença do herói, elas visam o comentário, daí seu uso como temas a serem glosados em dissertações e aulas.

Depois dos exemplos de *destacabilidade* fornecidos pela sentença do herói e pela máxima filosófica, o autor se dedica a ampliar a apreensão do fenômeno através do conceito de *sobreasseveração*, que englobaria todas as situações em que uma seqüência breve sobressai em um texto. Normalmente as seqüências sobreasseridas já se encontram em posição de destaque no texto; são uma tomada de posição no campo discursivo e implicam uma amplificação da figura do enunciador.

Numerosos são os exemplos contemporâneos em mídias. Observando um jornal impresso, vemos o fenômeno aparecer nas manchetes, leads, chamadas, quadros de destaque,

e, obviamente, em seções como “frases” ou “frases da semana”. Scadelai (2008) pesquisa o fenômeno na imprensa brasileira, através de trechos de entrevistas que são destacados (e comentados) pelos jornalistas nas notícias que escrevem. A autora mostra que os trechos escolhidos para destaque são discursivamente relevantes, fazendo parte de um posicionamento do jornalista e/ou do jornal. Os exemplos levantados e analisados por Scadelai ilustram bem a distinção de Maingueneau entre os enunciados *destacáveis* e os efetivamente *destacados*. E todos conhecemos casos em que o que fora destacado foi posteriormente questionado pelo autor da sentença. A alegação de que a sobreasseveração estava “fora de contexto” e, por isso, teve seu sentido modificado é a mais comum.

O artigo de Maingueneau termina com a diferenciação entre a lógica de *sobreasseveração*, que põe em relevo determinada seqüência sobre um fundo textual e a lógica da *aforização* (ou *destaque aforizante*), que atribui um novo estatuto à enunciação.

A lógica da *aforização* será retomada na Conferência de 2007 (Maingueneau, 2007), como uma proposta do autor de descrever o funcionamento dos enunciados destacados, fenômeno que considera não ter sido explicado suficientemente com o conceito de *sobreasseveração*.

Uma primeira distinção é feita, entre os enunciados que se encontram à parte de todo contexto original (o que é o caso de todas as formas sentenciosas, com ou sem autor identificado) e os destacamentos de um texto particular, quando há citações. No entanto, nem todas as citações são enunciações aforizantes. É preciso que sejam breves (normalmente se restringindo ao limite de uma frase), recebendo “diversos nomes em seu uso: ‘fórmulas’, ‘pensamentos’, ‘máximas’...”² (Maingueneau, 2007, p.156).

Retomando a diferença com que encerrara “Citação e destacabilidade”, o autor novamente sublinha as situações em que o que é destacado como enunciação aforizante não era exatamente o que havia sido enunciado no texto de origem. Deste modo, reafirma que é preciso separar a sobreasseveração, que, por mecanismos lingüísticos, destaca um enunciado de seu fundo textual – o que faz de um enunciado *destacável* - da enunciação aforizante, que já se compõe de enunciados *destacados*.

Maingueneau caracteriza a aforização como um fenômeno “não totalmente estranho ao sistema lingüístico”, no que parcialmente discordaria da postulação de Anscombe (2000), que vê nos enunciados parêmicos (que são um tipo de aforização, nos termos de Maingueneau) um subsistema do sistema da língua. Maingueneau cita o artigo “A frase

² “divers noms dans l’usage: ‘formules’, ‘pensées’, ‘maximes’...” (Maingueneau, 2007, p.156).

nominal”, de Benveniste – que também é rapidamente evocado por Anscombe quando este fala do pouco valor dado ao provérbio pelos estudos lingüísticos em geral, que seria decorrente, dentre outros fatores, do pouco valor dado à frase nominal. Benveniste, com este artigo, inaugura um novo paradigma para estudo da frase nominal, não a considerando como uma versão incompleta da frase verbal com o verbo “ser”.

O estudo de Benveniste é citado e discutido por Maingueneau, que considera as frases nominais como marcas lingüísticas ligadas à enunciação aforizante. Cabe ressaltar que Benveniste limita esta sua análise a um tipo de língua, o tipo indo-europeu, baseando sua argumentação no grego antigo. Para ele, o valor próprio da frase nominal consiste na “não-variabilidade da relação implicada entre o enunciado lingüístico e a ordem das coisas. Se a frase nominal pode definir uma ‘verdade geral’, é porque exclui toda forma verbal que particularizaria a expressão.”(1976 [1966], p.181).

Por não indicar nem tempo, nem modo, nem pessoa, nem aspecto, a frase nominal cumpre uma função ligada às verdades permanentes, contrastando com as frases que contêm o verbo “esti”, ligadas a um valor circunstancial. Em sua análise, Benveniste atestou uma presença forte da frase nominal na poesia sentenciosa, por contraste, uma presença forte da frase com “esti” na prosa narrativa (histórica). Analisando a questão em Homero, viu que, como obra compósita, nos trechos sentenciosos, discursivos, em que se exprimiam enunciados com estatuto de “verdades absolutas”, o uso da frase nominal era freqüente. Já nos trechos narrativos, particularizantes, descritivos de uma maneira de ser ou de uma situação, abundavam as frases com “esti”.

O mesmo contraste aparece quando se trata de exprimir a posse: quando esta é permanente, “eterna”, absoluta, é expressa pela frase nominal. Quando ela é atual ou circunstancial, a estrutura lingüística usada é a frase com “esti”.

Benveniste traça uma importante relação da frase nominal com o campo paremiológico, que fica clara na seguinte passagem (aliás, utilizada também por Maingueneau (2007):

A frase nominal, sendo adequada para asserções absolutas, tem valor de argumento, de prova, de referência. É introduzida no discurso para agir e convencer, não para informar. É, fora do tempo, das pessoas e da circunstância, uma verdade proferida como tal. É por isso que a frase nominal convém tão bem a essas enunciações, nas quais, aliás, tende a confinar-se – sentenças ou provérbios – depois de haver conhecido maior flexibilidade. (p. 179)

Desse estudo de Benveniste, outro aspecto importante apontado por Maingueneau é

que, por ser não embreada, a responsabilidade da frase nominal não recai diretamente sobre seu enunciador, é um enunciado de autoridade, atribuído “a uma instância que não coincide com o produtor empírico do enunciado”³ (Maingueneau, 2007, p.160).

Talvez por não ter como corpus principal uma língua que distinga “ser/estar”, Maingueneau não discute a questão com que Benveniste encerra seu artigo, fundamental para a análise desse ponto em textos em Português: Benveniste afirma que apesar da diferenciação “frase nominal/frase com esti”, do indo-europeu, não ser um traço comum nas línguas indo-européias modernas, pode haver “uma manifestação renovada de um traço que marcou profundamente a sintaxe indo-européia” (p. 182). Ele cita como exemplo dessa renovação da distinção “frase nominal/frase com esti”, a diferenciação do espanhol para “ser e estar”. E indica que “não é fortuito, sem dúvida, o fato de que a distinção entre *ser*, ser de essência, e *estar*, ser de existência ou circunstância, coincide em ampla medida com a que indicamos entre a frase nominal e a frase verbal para um estado lingüístico muito mais antigo” (p. 182). Este aspecto será retomado em minhas análises posteriores.

Para analisar o fenômeno dos enunciados destacados, Maingueneau distingue dois regimes de enunciação: a *enunciação aforizante* e a *enunciação textualizante*, sendo que “a segunda inscreve cada enunciado no panorama global de um texto relevante de um gênero de discurso, por outro lado, a primeira não faz parte da lógica do gênero do discurso”⁴ (160). E acrescenta que

o enunciado aforizado não se deixa fechar na geometria usual, que faz da frase um constituinte do texto, ele mesmo ligado a um gênero do discurso, única realidade para os locutores. A enunciação aforizante institui uma cena de fala em que não há interação entre dois protagonistas colocados sobre um mesmo plano: a instância responsável pela enunciação aforizante se encontra alhures⁵ (p. 161).

O autor adverte que “não fazer parte da lógica de um gênero de discurso” não quer dizer que os enunciados aforizados estejam fora do discurso, pois não existe enunciação fora dos gêneros. Apenas é preciso observar quais as motivações discursivas para que seja empregado um enunciado aforizado, que tem a pretensão e provoca o efeito de sentido de ser uma “palavra absoluta”. Deste modo, é preciso analisar a tensão entre o fato do enunciado

³ “à une instance qui ne coïncide pas avec le producteur empirique de l’énoncé” (Maingueneau, 2007, p.160).

⁴ “La seconde inscrit chaque énoncé dans l’horizon global d’un texte relevant d’un genre de discours (...). En revanche, la première n’entre pas dans la logique du genre de discours.”(p. 160).

⁵ “L’énoncé aphorisé ne se laisse pas enfermer dans la géométrie usuelle, qui fait de la phrase un constituant du text, lui-même rapporté à un genre de discours, seule réalité pour les locuteurs. L’énonciation aphorissante institue une scène de parole ou il n’y a pas d’interaction entre deux protagonistes placés sur un même plan: l’instance responsable de l’énonciation aphorissante se tient dans um ailleurs” (p. 161).

aforizante se pretender fora de todo texto e estar efetivamente em um texto que o cita.

Maingueneau ressalta o aspecto de citação e repetição das aforizações e se propõe a investigar se existiriam as que são “primitivas”, isto é, não são repetições. Considera que somente casos bem delimitados, como a resposta enigmática de um adivinho ou guru, poderiam ser considerados como uma “autocitação original” (p. 162). Defendo que o que ocorre nos raps dos Racionais MCs é em parte semelhante a essa “autocitação original”, e que acredito que esse fenômeno não é tão raro e específico assim, podendo ser visto frequentemente na canção popular, especialmente no rap, quando este se pretende sentencioso.

Analisando o papel e estatuto do sujeito aforizante, Maingueneau o relaciona à responsabilidade jurídica e moral pelos valores e princípios da “verdade” aforizada, destacando que, num processo jurídico, por exemplo, o que é condenado ou absolvido não é um co-texto ou contexto, e sim enunciados aforizados. Por isso, é muito comum que, nas práticas textuais de aforização, uma foto do rosto dos autores dessas enunciações acompanhe os pequenos trechos destacados. Assim como as aforizações representariam toda uma visão de mundo e, hermeneuticamente, demandariam interpretações, o rosto é tomado como “autenticação” desses enunciados, uma vez que estaria simbolicamente ligado à individualidade e à expressão da consciência do sujeito.

2. Aforização em *Sobrevivendo no Inferno*

O encarte do CD *Sobrevivendo no Inferno*, dos Racionais MCs, é um exemplo do que diz Maingueneau a respeito da relação entre enunciados aforizados e o rosto de seus enunciadores. Esse CD, quarto trabalho do grupo⁶ e recordista de vendas, lançado em 1997, marca uma profissionalização na produção, que é vista não só no conteúdo sonoro, mas também no encarte. É o primeiro trabalho dos Racionais com encarte, que tem criação e direção de arte de Marcos Marques. Apesar de ser composto de 20 páginas, todas com fotos ou desenhos – fato que nos leva a descartar a hipótese de orçamento muito limitado -, não há as letras dos raps, o que interpreto como uma ligação com a oralidade, é preciso decorar os raps ouvindo, cantando, sentindo com o corpo todo.

Desde a capa do encarte, há uma frase aforizada e um (ou mais) desenho ou foto compondo a cena. Dentro do encarte, cada um dos quatro rappers tem dedicadas a si duas páginas com sua foto de rosto, seus agradecimentos e uma frase destacada da letra do rap

⁶ Excluo nessa contagem o CD “Ao vivo”, por não ser um trabalho autoral do grupo e sim uma coletânea de raps de outros discos dos Racionais organizada pela gravadora.

“Capítulo 4, versículo 3” que o CD contém. Na organização do CD, esse rap é a terceira faixa (“versículo 3”) do quarto trabalho do grupo (“capítulo 4”). A primeira faixa do CD é a única canção de outro autor que está em um trabalho dos Racionais, “Jorge da Capadócia” de Jorge Ben Jor. Sua letra é uma oração a São Jorge e funciona como abertura de um trabalho, no sentido de pedir a este Santo que proteja quem ora contra os inimigos (“Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge/ Para que meus inimigos tenham pés, mas não me alcancem...”). É, portanto, um “caso a parte” dentre as outras faixas do CD. A segunda faixa, chamada “Gêneses”, remete à parte da Bíblia que conta a criação do mundo por Deus. Ela também não é um rap (outro “caso a parte”!), e sim um trecho falado por Mano Brown, que explica que Deus fez as coisas boas do mundo e o homem lhe deu as ruins. Termina com a afirmação: “Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática e um sentimento de revolta e estou tentando sobreviver no inferno”. O nome do CD é *Sobrevivendo no Inferno*, portanto essa remissão a “sobreviver no inferno” é importante para que se compreenda que a “Gênese” da faixa 2 explica as motivações do CD todo.

Portanto, a terceira faixa do CD, “Capítulo 4, Versículo 3” é a primeira que não é um “caso a parte”. É um rap e de sua letra serão destacadas as frases que servem de “síntese” para cada um dos quatro rappers no encarte. Analisarei como a aforização se dá em três dos casos.



Figura 1: páginas 4 e 5 do encarte de *Sobrevivendo no Inferno* (Racionais MCs, 1997). Fotos de Klaus Mitteldorf.

As páginas 4 e 5 do encarte são ocupadas por Mano Brown (figura 1). Há uma foto de seu rosto em close, com roupa e chapéu pretos e um crucifixo no pescoço. Conforme Maingueneau (2007) afirma ser comum acompanhar enunciações aforizadas, há uma foto do

rosto do “autor” da frase. Para entender o funcionamento discursivo do rap nacional, que se caracteriza por uma valorização do que é coletivo, é importante ressaltar que a frase aforizada não é enunciada por Brown no CD: é enunciada por Primo Preto, que, como convidado dos Racionais, recita uma introdução à faixa 3 “Capítulo 4, versículo 3”. Nessa pequena introdução, após falar porcentagens (baixas) da participação do negro na vida social e educacional brasileira e porcentagens (altas) dos jovens negros que já sofreram violência policial, “assina” seu texto com “Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente”. Tal enunciação remete ao título do CD – *Sobrevivendo no Inferno* – e também à faixa 2, “Gêneses”, em que, como vimos, Brown dizia estar tentando “sobreviver no inferno”. Essa é a frase escolhida como “representante” de Brown nesse encarte. O nome, que consta na formulação “original” - “Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente” - e que também aparece na finalização do rap “Fórmula Mágica da Paz”, no mesmo CD - “Aqui quem fala é Mano Brown, mais um sobrevivente” - é, de certa forma, substituído pela foto de Brown na figura 1, recompondo a frase “original” intersemioticamente.

Cabe também analisar que a frase contém o verbo ser na terceira pessoa do singular do presente do Indicativo, “é”. Portanto, segundo Benveniste, é uma formulação que se aproxima da frase nominal, trazendo o efeito de genericidade, permanência, relação absoluta, para além das contingências.

Há na figura outra foto de Mano Brown, menor, sem camisa levantando seu filho. Essas duas fotos contribuem para a formação de um ethos, que, em trabalho anterior (MOTTA, 2004) chamei de “o ethos do preto tipo A”: responsável com a família, sério em seus princípios, religioso (além de estar com um crucifixo no pescoço, tem um crucifixo tatuado no braço e ao fundo da foto há uma igreja), homem, negro, forte.

Além desses elementos já analisados, há, na figura 1, os agradecimentos nessa ordem: a “Deus todo poderoso, minha família” e amigos.

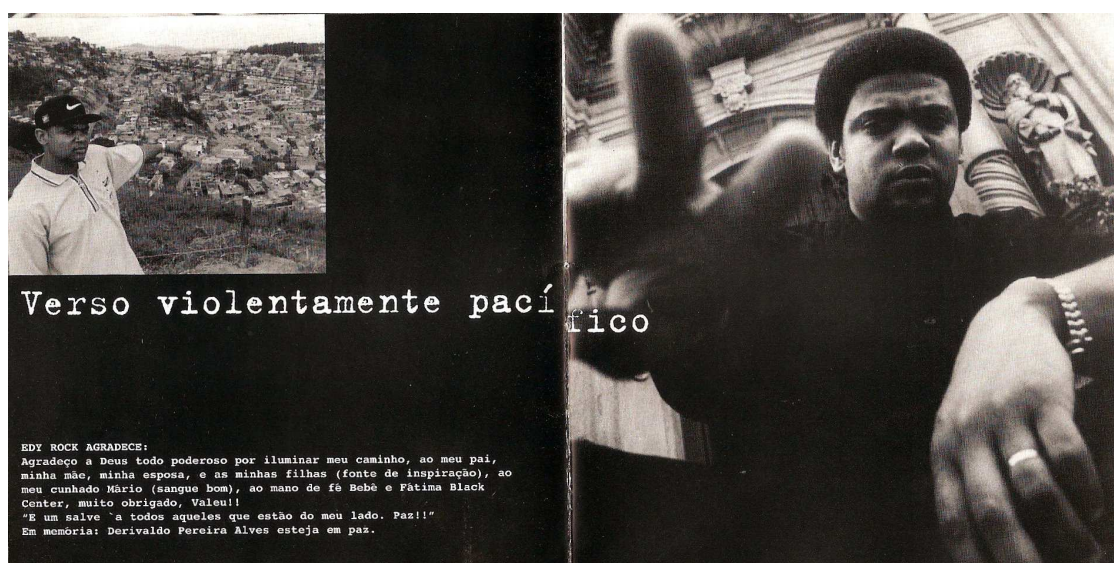


Figura 2: páginas 8 e 9 do encarte do CD *Sobrevivendo no Inferno* (Racionais MCs, 1997). Fotos de Klaus Mitteldorf.

As páginas 8 e 9 são ocupadas por Edi Rock (figura 2). Também há um close, mas não tão fechado, suas mãos aparecem em destaque. Com a direita, ele faz “V.L.” com os dedos, simbolizando “Vida Loka”, gesto típico dos rappers e fãs. Na mão esquerda, uma aliança brilha em seu dedo anular. Novamente quem se apresenta é um homem, negro, sério, que valoriza a família. Na foto menor, Edi Rock aponta uma favela com o dedo, lembrando outro aspecto do ethos do “preto tipo A”: “ser” periferia. Em seus agradecimentos, primeiramente “Deus todo poderoso por iluminar meu caminho”, a família, amigos e “um salve a todos aqueles que estão do meu lado. Paz!!”. Por fim, um amigo é lembrado “em memória”.

Na frase aforizada da figura 2, há um enunciado destacado também de “Capítulo 4, versículo 3”. Esse enunciado é retrabalhado, pois redivide os versos originais, cantados por Mano Brown: “Imprevisível, como um ataque cardíaco do verso / Violentamente pacífico, verídico / Vim pra sabotar seu raciocínio / Vim pra abalar o seu sistema nervoso e sanguíneo”. A palavra “verso”, que completava o sentido do verso “Imprevisível, como um ataque cardíaco do verso”, é deslocada para o verso seguinte na aforização, formando: “verso violentamente pacífico”. Uma hipótese de análise é que destacar apenas “violentamente pacífico” como aforização “representante” de Edi Rock poderia trazer efeitos de sentido indesejáveis, associando este rapper à violência. Da forma como foi composto o enunciado aforizado, quem é “violentamente pacífico” é o “verso”.

A frase aforizada, “Verso violentamente pacífico”, é uma frase nominal.

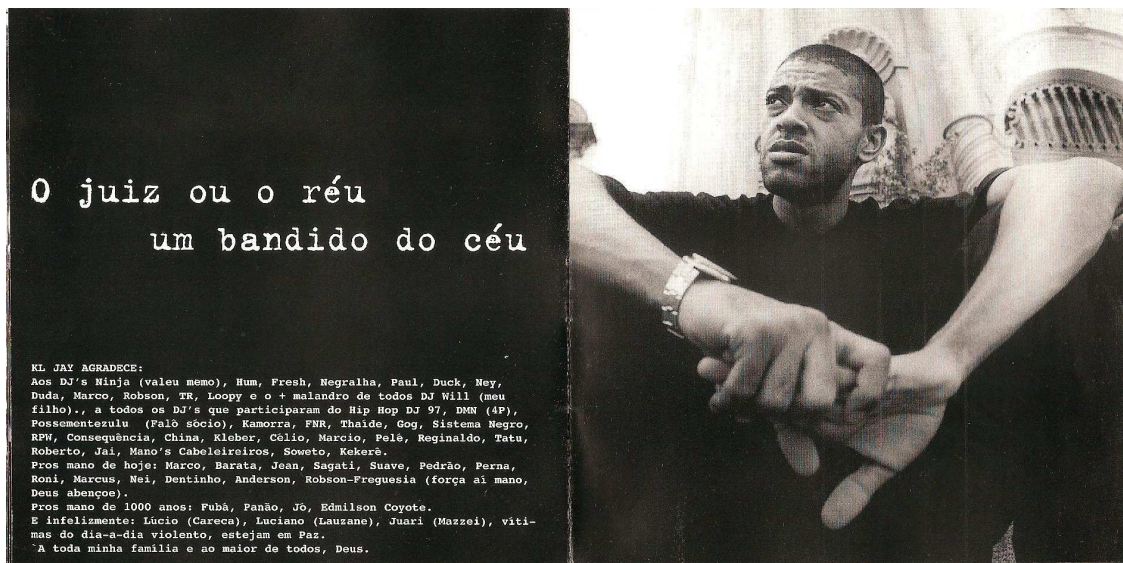


Figura 3: Páginas 12 e 13 do encarte do CD *Sobrevivendo no Inferno* (Racionais MCs, 1997). Foto Klaus Mitteldorf.

As páginas 12 e 13 são ocupadas por KLJay, o DJ do grupo (figura 3). Há apenas uma foto sua, em close, com rosto sério e pensativo. Seus agradecimentos se dirigem a outros DJs, a amigos (“pros mano de 1000 anos”), alguns em memória (“vítimas do dia-a-dia violento”). O agradecimento se encerra com a família e “ao maior de todos, Deus”. O enunciado destacada é “O juiz ou o réu um bandido do céu”, que, como aconteceu nas frases que “representam” os outros três rappers, é verso de “Capítulo 4, versículo 3”, em trecho cantado por Brown. Tal enunciado aponta para uma característica importante no discurso do grupo, a heterogeneidade de vozes sociais que o atravessam. Temos o discurso da violência, da revolta, da luta (“réu”; “bandido”) e o da paz (“juiz”; “céu”) convivendo em um sujeito que se apresenta estilhaçado ou multiplicado. Tal heterogeneidade também está presente no trecho final de “Gêneses”, já analisado aqui: “Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática e um sentimento de revolta”, em que a “Bíblia velha” representaria a paz e a “pistola automática” e o “sentimento de revolta” representariam a luta, o confronto. De modo semelhante, a frase nominal destacada na figura 2 apresenta o “verso” como “violentamente pacífico”.

O enunciado “O juiz ou o réu um bandido do céu” pode ser dividido em duas frases nominais, desde que se componha intersemioticamente a figura 3:

“KLJay: o juiz ou o réu”.

“KLJay: um bandido do céu”.

3. Considerações Finais

A análise da aforização pode iluminar caminhos para a compreensão e explicitação do funcionamento discursivo dos Racionais MCs. Ser citável, memorizável, destacável é um dos pontos principais nessas práticas discursivas, que, não sem razão, têm como um de seus principais recursos artísticos composicionais o *sample*. Complementarmente, a análise de um corpus específico pode trazer ganhos para a teoria da enunciação aforizante, que é bastante nova e ainda pouco especificada. Espero, portanto, que os conceitos teóricos mobilizados no presente trabalho contribuam para a análise de um funcionamento discursivo e, ao mesmo tempo, que a análise desses dados contribua para o fortalecimento e entendimento desse conceito teórico.

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, Jean-Claude. Parole proverbiale et structures métriques. In: **La parole proverbiale**. Paris: Langages n. 139, setembro/2000. p. 6-26.

BENVENISTE, Émile. A frase nominal. In: **Problemas de Lingüística Geral**. Tradução Maria da Glória Novak; Luiza Neri. São Paulo: Companhia Editora Nacional / Editora da Universidade de São Paulo, 1976 [1966]. p. 163-182.

MAINGUENEAU, Dominique. L'enonciation aphorizante. In: CHRISTÓFARO SILVA, T.; MELLO, H. R. **Conferências do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística**. Belo Horizonte: Editora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

_____. **Cenas da Enunciação**. Organização de Sírío Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar, 2006.

MOTTA, A.R. “**A favela de influência**”: uma análise das práticas discursivas dos Racionais MCs. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

RACIONAIS MCs. **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. (CD)

SCADELAI, Érica . Ethos e comentário de fala na notícia impressa. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 185-194.